

Boletim Internacional



Ano VI n° 47 12.12.2006

Solidariedade à Mahle da Alemanha

CNM se solidariza aos colegas da Mahle ameaçados de demissão na Alemanha

Abaixo, a carta de solidariedade enviada aos companheiros alemães pela CNM e sindicatos ligados à Mahle no Brasil por conta da ameaça de fechamento da planta da empresa em Alzenau, na Alemanha.
São Paulo, 05 de Dezembro de 2006

Companheiras e Companheiros,

Com grande preocupação tomamos conhecimento da ameaça da direção da Mahle de fechar a fábrica de Alzenau. Ao mesmo tempo soubemos da imediata resposta dos trabalhadores realizando um protesto de 2 dias.

A maneira como o Capital não é diferente em qualquer parte do mundo: aumentar ao máximo os lucros através da concorrência selvagem, reduzindo os postos de trabalho e os direitos sociais.

Nós, os representantes dos trabalhadores na Mahle Brasil reunidos hoje, saudamos os trabalhadores de Alzenau pela sua iniciativa de reagir a este sério ataque da empresa e declaramos nossa integral solidariedade. Nós iremos informar os trabalhadores nas fábricas do Brasil, especialmente aqueles que produzem pistões como vocês em Alzenau, e nos colocamos à disposição para qualquer ação de solidariedade que vocês possam necessitar.

Sua luta é a nossa luta!

Em solidariedade,

Valter Sanches

Confederação Nacional dos Metalúrgicos da CUT (CNM/CUT) - Brasil

Alberto Jakobauskas

Sindicato dos Metalúrgicos de Mogi-Guaçu

José Paulo da Silva

Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

João Soares Oliveira

Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas e Região

Clarice Vieira Armbrustir

Sindicato dos Trabalhadores de Limeira

Transações da Mahle preocupam trabalhadores

Ao mesmo tempo em que comprou 39 fábricas da Dana em 10 países do mundo, a Mahle quer fechar uma unidade na cidade de Alzenau, na Alemanha. Com isso, 500 empregos estão ameaçados.

Diante da postura unilateral da fábrica, os metalúrgicos alemães cruzaram os braços por dois dias, o que forçou a fábrica a um processo de negociação com o IG Metal (sindicato dos Metalúrgicos da Alemanha).

Em nota, a Rede Nacional de Trabalhadores na Mahle no Brasil solidarizou-se com a luta dos companheiros alemães e criticou a postura da multinacional, 'que quer aumentar ao máximo os lucros através da concorrência selvagem, reduzindo os postos de trabalho e os direitos sociais'.

Segundo a Rede Nacional, é importante os trabalhadores brasileiros terem noção do que acontece na Alemanha e as repercussões que podem ter no Brasil. 'O capital não tem pátria, especialmente para um grupo poderoso como a Mahle, que acha que pode mandar e desmandar', disse o Nelsi Rodrigues, o Morcegão, diretor do Sindicato. Para ele, a única maneira dos trabalhadores enfrentarem os efeitos perversos da globalização é a solidariedade.

A rede nacional dos trabalhadores na Mahle é formada pelas representações sindicais nas fábricas de São Bernardo, Mogi-Guaçu, Limeira e Indaiatuba. (*Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, 11.12.2006*)

Integração energética e infra-estrutura



Integração energética e infra-estrutura são motores da Comunidade Sul-Americana de Nações, diz Lula

A integração energética e a infra-estrutura serão um dos motores da Comunidade Sul-Americana de Nações, segundo o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Esses dois pilares representam para a América do Sul o mesmo que o carvão e o aço significaram para a integração europeia nos anos 50”, disse Lula no encerramento da 2ª Cúpula da Comunidade Sul-Americana de Nações, em Cochabamba (Bolívia).

Para Lula, além de promover o desenvolvimento da Comunidade Sul-Americana das Nações, a integração energética sul-americana deve ter como fundamento básico “a segurança de acesso à justa remuneração, a preocupação com a preservação ambiental, a inclusão social e a estabilidade das relações jurídicas”.

“Nossa região dispõe de uma das maiores reservas de recursos energéticos do mundo, o desafio está em promover investimentos e associações estratégicas que permitam sua utilização em termos justos e com benefícios para todos”, acrescentou.

No discurso, o presidente defendeu o desenvolvimento “com urgência” de um sistema financeiro sul-americano. Segundo Lula, esse sistema deve ser feito a partir da coordenação entre os bancos nacionais e regionais de desenvolvimento e da valorização dos mecanismos já existentes.

“Precisamos também desenhar um mecanismo específico de garantias que leve em consideração a situação particular de nossas economias, sobretudo as mais vulneráveis”, disse, ao afirmar que as trocas comerciais em moedas nacionais são iniciativas que precisam ser estimuladas.

“A experiência adquirida com esses ensaios de integração financeira, que devem ser graduais e conforme as possibilidades de cada país, contribuirá para a futura criação de um verdadeiro banco sul-americano de desenvolvimento”, acrescentou. (Priscilla Mazenotti) (*Agência Brasil*, 10.12.2006)

Comunidade Sul-Americana de Nações

Saiba o que é a Comunidade Sul-Americana de Nações

Em 2004, doze países formaram a Comunidade Sul-Americana de Nações (Casa). Confira abaixo a resposta para algumas perguntas sobre o bloco.

O que é a Comunidade Sul-Americana de Nações?

A Casa, como é conhecido o bloco, é uma união de todos os países da América do Sul através da integração do Mercosul – Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela – da Comunidade Andina de Nações (CAN) – Bolívia, Colômbia, Equador e Peru – além de Chile, Guiana e Suriname. México e Panamá participam como observadores.

O objetivo do grupo – criado por chefes de Estado no Peru em dezembro 2004 – é integrar o continente sul-americano no âmbito “político, social, econômico, ambiental e de infra-estrutura” nos moldes da integração feita em outras partes do mundo, como na Europa.

O documento fundador da Casa é a Declaração de Cuzco.

Qual é a diferença da Casa para outros blocos?

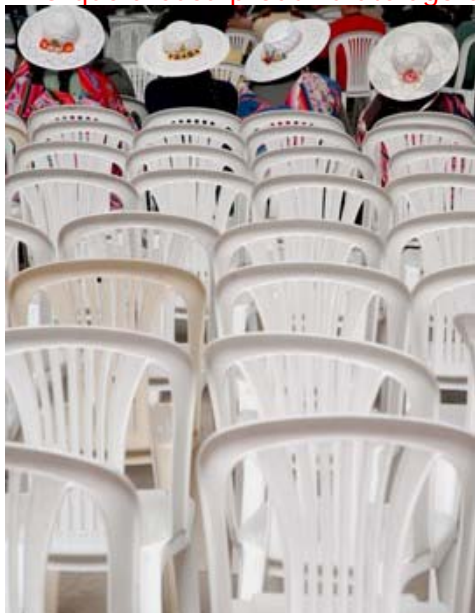
Em comparação com União Europeia, Nafta (zona de livre comércio na América do Norte) e Asean (bloco econômico do Leste Asiático), a Casa é o menor em população – cerca de 365

milhões de pessoas – e o segundo maior bloco em área (atrás apenas do Nafta) – aproximadamente 17 milhões de quilômetros quadrados.

Como a Asean, a Casa ainda não é um bloco econômico formal. O objetivo dos líderes sul-americanos é formar nos próximos anos uma zona de livre comércio, como o Nafta, onde os produtos circulam sem pagar tarifas comerciais.

A zona de livre comércio é considerada um primeiro passo na integração entre países. Os estágios seguintes são a união aduaneira – como o Mercosul, em que os países coordenam políticas comerciais e adotam uma Tarifa Externa Comum – e a união econômica – como a União Européia, onde há instituições supranacionais e livre circulação dos fatores de produção.

O que a Casa produziu até agora?



Desde 2004, os chefes de Estado se encontraram uma vez em Brasília. Em setembro de 2005, eles assinaram declarações nas quais seus países se comprometem a elaborar estudos sobre as melhores formas de integrar o continente e formar uma área de livre comércio.

A reunião em Cochabamba, realizada este ano, é o segundo encontro oficial dos chefes de Estado da Casa.

Até agora, a Casa gerou apenas um ato jurídico internacional. Trata-se de um acordo sobre dispensa de visto e uso do documento de identidade para viagens de cidadãos dos países da Casa aos países do bloco. O tratado foi assinado em novembro deste ano por Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Suriname e Uruguai.

Qual é a importância da Casa para o Brasil?

A Casa é um exemplo de “cooperação Sul-Sul”, política externa que defende a integração de países em desenvolvimento em foros internacionais. Nos últimos anos,

o Itamaraty tem buscado aproximar o continente sul-americano com a realização de cúpulas com países árabes e africanos.

A integração também é feita com o objetivo de formar blocos maiores entre os países em desenvolvimento para negociar acordos com regiões mais ricas, como Estados Unidos e União Européia. Um dos exemplos disso é a formação do G-20, iniciativa do Brasil para negociações da Rodada de Doha.

Quais são os principais obstáculos da Casa?

Problemas de integração entre países sul-americanos já existem hoje dentro dos outros dois blocos. Em diversos países, se discute se a melhor política comercial é a integração com países em desenvolvimento ou a negociação de acordos bilaterais com blocos e países mais ricos.

No Mercosul, o Uruguai discutiu um tratado de livre comércio com os Estados Unidos e ameaçou até deixar o bloco. A Argentina, apesar de ter ingressado na Casa, tem manifestado pouco interesse em participar de outro bloco proposto e liderado pelo Brasil. O presidente Néstor Kirchner vem ignorando as reuniões da Casa.

O Mercosul também enfrenta uma crise entre Argentina e Uruguai sobre a instalação de uma empresa de celulose na fronteira dos dois países.

Na Comunidade Andina de Nações, os conflitos foram mais graves. Este ano, a Venezuela abandonou a CAN por reclamar que outros sócios – como Colômbia e Peru – assinaram tratados comerciais com os Estados Unidos que, segundo o governo de Caracas, ameaçam a integração dos países. A Venezuela ingressou no Mercosul.

O Chile, por sua vez, não é membro do Mercosul ou da CAN, e hoje tem independência para negociar tratados internacionais, sem necessitar do aval de sócios. (BBC, 09.12.2006)



União pela integração da América do Sul

Representantes de governos da América Latina e de organizações sociais dividiram, ontem (7) a mesma mesa para tratar sobre os rumos da integração regional, no segundo dia da Cúpula Social da Integração dos Povos. Para os dois lados, buscar esta possível integração através de empreendimentos para reduzir a pobreza, eliminar o problema de energia e consolidar uma identidade cultural é o caminho.



O encontro marca um momento de interseção entre a Cúpula Social de Integração dos Povos e a Cúpula Sul-americana de Nações, que acontecem até amanhã, em Cochabamba, Bolívia. A realização da Cúpula acontece em paralelo à Cúpula Sul-americana de Nações, que reúne representantes de vários países.

Durante os dois eventos, a estimativa, pelo menos conforme a programação, é que hajam ainda outros quatro momentos de interseção. Segundo a

organização da Cúpula Social, este é um ponto diferencial do encontro, uma vez que tem caráter propositivo. A idéia é que todas as demandas que forem encaminhadas pelos movimentos sociais sejam de conhecimento dos mandatários, ou de seus representantes.

"A Cúpula Social é inédita porque, diferente de outros fóruns, o movimento popular se congrega especificamente para elaborar, de comum acordo, uma proposta de integração latino-americana alternativa e recebe a visita de representantes de governos para discutir um modelo de integração regional 'de cima e de baixo'", salienta o sítio da Cúpula.

O encontro aconteceu no Hotel Portales, onde estão os governantes e cerca de 800 pessoas assistiram esta parte do evento. Luis Maira, da Comissão de Reflexão Sul-americana do Chile, afirmou que o sonho da integração é antigo e nasce do convencimento de que os povos da América são mais fortes unidos do que dispersos.

Pablo Sólón, embaixador para temas de integração e comercio do governo boliviano, centrou seu discurso na união. "Há um ano a Alca parou no Mar del Plata graças às campanhas articuladas dos movimentos sociais, foi um ganho da unidade. Hoje se apresenta um novo desafio: aprofundar a integração não para resistir e sim para viver bem. E viver bem não é viver melhor que o outro ou viver à custa de outros países", disse.

Numa referência ao escrito uruguaio Eduardo Galeano. Sólón complementou afirmando que é necessário "ir fechando as veias abertas da América Latina" e deter o saque dos recursos naturais para que estes sirvam ao povo.

No mesmo dia, diversos povos indígenas já haviam se reunidos e formulado várias demandas para os mandatários. Em documento, eles ressaltam aos presidentes dos países da América do Sul que uma Outra América do Sul Não Liberal só será possível se o respeito à cultura dos povos for mantida e pedem para que as formulações não sejam arquivadas como tantos outros documentos.

Entre alguns pontos, a comunidade indígena propõe que a Comunidade Sul-americana das Nações não seja subordinada aos Tratados de Livre Colonização (referência ao TLC e à Alca). Também pede que a comunidade reforce a importância da aprovação da Declaração da Onu sobre os Direitos Indígenas. (ADITAL, 08.12.2006)

O mal-estar latino-americano

Emir Sader, sociólogo

A multiplicação de governos que, de uma ou outra forma, podem ser caracterizados como esquerda no continente, assim como a derrota de candidatos de direita, podem dar uma impressão um pouco desproporcional da situação do continente. É preciso entender melhor o sentido do voto majoritário dos latino-americanos, para captarmos melhor seu sentido.

Os resultados eleitorais do longo ciclo que começou com a vitória de Evo Morales em dezembro de 2005 e deve concluir com a reeleição de Néstor Kirchner em 2007, produz mudanças significativas na orientação política de três países - Bolívia, Equador e Nicarágua. Nos outros casos houve continuidade, em vários deles com reeleição (Colômbia, Brasil, Argentina, Venezuela). A linha de tratados de livre comércio com os EUA não conquistou nenhum novo país: mantiveram México, Colômbia, Chile, Peru, Costa Rica.



A lista de países participantes dos processos de integração regional - a linha divisória em relação aos adeptos do livre comércio - se estende: Brasil, Argentina, Venezuela, Uruguai, Bolívia, Equador, Paraguai, Cuba, Nicarágua. Uma parte deles representa tendências moderadas, que ainda não saíram do modelo econômico neoliberal: Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai. Outra, integrada à Alba - como a Venezuela, a Bolívia, Cuba e possivelmente o Equador - assumem uma postura mais radical.

Mesmo vitórias da linha conservadora - como as do México e da Colômbia - encontraram forte resistência, a primeira com grandes denúncias de fraude e a segunda com uma oposição de esquerda (o Pólo Democrático), pela primeira vez como segunda força. Mesmo no Peru, a candidata mais abertamente neoliberal, Lourdes Flores, ficou em terceiro lugar. Na Costa Rica, a decisão se deu por poucos votos a favor de Oscar Arias.

Esse quadro representa uma ressaca que vive o continente das políticas de privatização, de ajuste fiscal, de abertura das economias, que prometiam retomar o crescimento, distribuir renda, modernizar os países, mas suas promessas não foram cumpridas. Foi na América Latina que o neoliberalismo nasceu (com Pinochet, no Chile), foi aqui que ele mais se estendeu e, por isso, é aqui que encontra mais resistência e oposição. Muitos governantes que tentaram manter esse modelo caíram - entre eles, Fernando de La Rúa, na Argentina, Sanchez de Lozada, na Bolívia, e Lucio Gutierrez, no Equador.

A primeira razão do voto dos latino-americanos é o fracasso do modelo neoliberal e o mal-estar que provocou. O segundo é a desastrosa política do governo Bush, de "guerras infinitas", que leva a que tenham poucos aliados no continente. A Colômbia é o único caso de guerra aberta na América Latina, com presença de tropas dos Estados Unidos. Outros aliados são de ordem econômica, como o Chile e o México, atados por tratados de livre comércio.

E a terceira razão é a força social, de apoio popular, da esquerda. Os votos que reelegeram a Lula e a Hugo Chávez, assim como os que permitiram a eleição de Rafael Correa, no Equador, de Daniel Ortega, na Nicarágua, de Evo Morales, na Bolívia, vêm majoritariamente das camadas mais pobres da população desses países. (*Jornal do Brasil, 09.12.2006*)

CNM Internacional é o boletim informativo da Confederação Nacional dos
Metalúrgicos – CNM-CUT

Secretário Geral da CNM : Fernando Lopes
internacional@cnmcut.orghttp://www.cnmcut.org.br